

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, JULHO/2011 - ANO XIV - Nº 174

Foto arquivo Pro-Memória

EDITORIAL

A soberania nacional não tem preço. Para assegurá-la é preciso, indiscutivelmente, investimento maciço em sua indústria bélica. No entanto, não é o que vem acontecendo no Brasil. No passado, para suprir as necessidades das Forças Armadas e, consequentemente, assegurar a soberania de seu território, o Brasil, que dependia da importação de explosivos e munições, instalou no município de Piquete uma fábrica de pólvora química. Foi o embrião de um complexo industrial bélico sem precedentes na América Latina. Essa indústria recebeu investimentos até os anos de 1970.

Em 14 de julho de 1975, o governo criou a IMBEL, empresa pública vinculada ao Ministério do Exército, da qual a fábrica de Piquete passou a ser a unidade nº 1. A partir de então, a IMBEL vem acumulando dívidas e prejuízos. Desde os anos 80 sua despesa é maior que sua receita. Sem investimento por parte do governo federal, nossa indústria bélica passou a viver de sobressaltos, situação que repercute de maneira negativa em seus funcionários e na comunidade. Esse grave problema, que se arrasta há décadas, precisa ser efetivamente equacionado. Segundo a revista ISTO É, em sua edição 410, o governo federal criou recentemente um grupo de estudos com representantes dos ministérios da Defesa, Planejamento e Fazenda com o objetivo de encontrar um meio de tornar essas empresas menos vulneráveis economicamente. Segundo o professor Rui Barbosa, pesquisador do Núcleo de Análise Interdisciplinar de Políticas e Estratégia, da Universidade de São Paulo, “Nenhum fabricante de armamento bélico, em nenhum país do mundo, tem lucro”. “Todo país precisa ser independente em armamento, já que nunca se sabe quando poderá haver conflito”, complementa Gunther Rudzit, coordenador do curso de Relações Internacionais da FAAP, de São Paulo.

A questão da sobrevivência da IMBEL é séria. Nossa indústria bélica necessita de direto e efetivo investimento governamental, proporcionando o apoio necessário à fabricação, produção e comercialização de produtos de defesa. É preciso, por parte do governo, uma estratégia visando à implantação de metas que permitam sua sobrevivência apoiada na Política Nacional de Defesa. Deixar de investir na indústria de defesa é miopia política, é retroceder na história.



Julho, mês de férias. Piquete recebe um número maior de visitantes. A maioria, filhos da cidade que vêm rever parentes e amigos e matar a saudade das paisagens mantiqueiras. A expectativa dos que chegam é sempre encontrar a cidade bonita, bem cuidada, motivos dos quais possam se orgulhar...

Cuidar da cidade é exemplo de cidadania

Julho, mês de férias. Piquete recebe um número maior de visitantes. A maioria, filhos da cidade que vêm rever parentes e amigos e matar a saudade das paisagens mantiqueiras. A expectativa dos que chegam é sempre encontrar a cidade bonita, bem cuidada, motivos dos quais possam se orgulhar. No entanto, deparam-se com ruas mal cuidadas, prédios abandonados, lixo às margens dos rios e praças, encostas calcinadas, desprovidas de arborização. Falta de cuidado estético com a paisagem. Poderia ser muito diferente. No entanto...

Todos os moradores sonham com uma cidade bonita, que lhes ofereça qualidade de vida. Para que isso ocorra, porém, é preciso que haja envolvimento dos moradores no cuidado com ela. A cidade é o espaço de compartilhamento da vida em sociedade, local de convivência plena, onde moramos, trabalhamos, construímos nossos projetos de vida. Por que, então, nem todos nós temos consciência do nosso papel no cuidado com esse espaço? Por que vemos, diariamente, cenas repetidas de depredação do patrimônio público, de agressão no trânsito ou atitudes corriqueiras e simplórias como jogar lixo no chão ou em locais não apropriados? Se atitudes como essas

causam revolta à maioria, ao mesmo tempo nos perguntando: por que essa indignação não atinge a todos? O que falta para que cada um dos moradores da cidade compartilhe da mesma preocupação?

Precisamos é de ações afirmativas que busquem despertar a responsabilidade social em cada um de nós, ou seja, fazer brilhar em cada indivíduo seu papel de cuidador da cidade. Este é um grande desafio a ser vencido.

Cuidar da cidade é muito mais do que preservar o patrimônio público. É, acima de tudo, ter atitude fraterna e de respeito com os demais cidadãos, inclusive nas nossas relações familiares, comunitárias e de trabalho. Cada morador consciente deve ingressar num processo cívico de cuidar da cidade e levar a outras pessoas essa experiência que, em rede, envolverá outras.

Vivemos um grande momento de ampliar a consciência cidadã, pois, da mesma forma que somos detentores de direitos, também temos responsabilidades. Dar exemplo de cidadania é cuidar da nossa cidade como extensão de nossa casa. Precisamos olhar com mais carinho por ela, mesmo diante de tantos desafios. Seu futuro será melhor se trabalharmos para isso.

Imagem - Memória

Foto Arquivo Pro-Memória



Padre Estanislau Leme e família de Francisco Máximo Ferreira, durante a Revolução de 1932. Sentados: Armando de Castro Ferreira, senhor Chiquinho Máximo e o padre. Em pé: ?, Zeli, Quiti, Maria Aparecida Leite Ferreira, com Clélia de Castro Ferreira ao colo, Eurípedes de Castro Ferreira, Maria de Lourdes Ferreira e José de Castro Ferreira, com a filha Dóli de Castro Ferreira ao colo.

Lembranças de um belo ideal

Reverendo uma antiga fotografia do álbum de Francisco Máximo Ferreira, uma delas chamou-nos a atenção: tirada durante a Revolução Constitucionalista de 1932, mostra o capelão militar Estanislau Leme junto a essa família, uma das poucas que permaneceram na cidade nos primeiros momentos desse conflito. Com a eclosão desse movimento revolucionário, a maioria da população se retirou para a zona rural. Aos poucos, retornaram, passando a contribuir com os soldados paulistas.

A Revolução Constitucionalista de 1932, desencadeada em São Paulo, foi um dos mais importantes acontecimentos da história política brasileira, ocorrido durante o Governo Provisório de Getúlio Vargas. Foram três meses de combate que colocaram frente a frente, nos campos de batalha, forças rebeldes e forças legalistas. Esse movimento revolucionário teve apoio imediato de vários setores da sociedade paulista. Pegaram em armas intelectuais, industriais, estudantes e outros segmentos. O que os movia era, principalmente, a luta antiditatorial e a constitucionalização do país. Nesses poucos meses de conflito, São Paulo viveu um verdadeiro esforço de guerra. Não apenas as indústrias se mobilizaram para atender às necessidades de armamentos, como ocorreu com a Fábrica de Pólvoras sem Fumaça, de Piquete, mas também a população, que se uniu, contribuindo de diversas maneiras para a causa revolucionária.

Com a eclosão da revolução, foi grande o número de denodados paulistas que se

apresentaram voluntariamente para se incorporar às tropas regulares, cujos efetivos eram reduzidos. Entre esses voluntários, encontrava-se o estudante Luiz Gonzaga Naclério Homem, que, àquela época, estava matriculado na Escola de Direito de São Paulo. Apresentou-se em um dos postos de recrutamento, foi incluído em uma subunidade de uma Companhia de Reserva do 6º Regimento de Infantaria e seguiu para o Vale do Paraíba, onde se desenvolvia uma sangrenta e fratricida luta. Esta subunidade tinha como finalidade preencher os claros que se dessem nessa frente de combate. Essa Companhia chegou a Piquete na manhã de domingo, dia 17 de julho de 1932. Vieram garantir a Fábrica de Pólvoras. Encontraram a cidade quase deserta.

Engastada no pendor da Mantiqueira, Piquete era uma importante posição militar não apenas por causa da Fábrica, mas por distar poucos quilômetros de Minas Gerais, sendo passagem natural de Itajubá para Lorena. Em Piquete, encontravam-se voluntários conscritos do Exército, e, constituindo a maioria, praças da Força Pública e do seu Corpo Escola, perfazendo o total aproximado de oito mil homens, inclusive os dois mil que se encontravam no alto da serra. O sino da antiga matriz pontuava as horas. O frio de julho, o incessante matraquear das metralhadoras e os tiros dos canhões reforçavam o medo. Entre os soldados dessa Companhia estava o padre Estanislau Leme, descrito por Naclério Homem como “sisudo, mas que conquistou sua integral simpatia, apesar de sua face muda como um túmulo,

impenetrável como um mistério, fechada como o limiar da igreja local (...)”. Todas as peripécias da 6ª Companhia foram registradas por Naclério Homem em um diário. Após passar por Piquete, Quilombo, Fazenda Passa-Quatro, Serra dos Marins, Garganta do Diabo, recuou, a exemplo de outras tropas, no dia 14 de setembro. Embarcou às 7h30min da manhã num trem para Lorena. O pelotão foi a última tropa a sair de Piquete. Naquela noite, ali chegaram os soldados ditatoriais. Em seu diário, assinala: “Quando partimos, não vimos nem ao menos um soldado na pequena estação nem nos seus arredores. Durante a viagem, notamos, com mágoa, o êxodo dos moradores de toda a região de Piquete. Era triste observar a longa fila de fugitivos que, apavorados com a aproximação dos inimigos, abandonavam suas lojas, suas oficinas, suas casas, suas lavouras, suas criações e lá se iam a pé, a cavalo, em carroças, estrada a fora, sem destino certo, com mulheres, velhos, crianças, enfermos, alguns animais de estimação e os poucos haveres que conseguiam carregar (...)”.

Essas memórias de Luiz Gonzaga Naclério Homem foram publicadas pela BIBLIEX com o título de “*Lembranças de um Belo Ideal*”. Francisco Máximo, mestre do 2º Grupo da Fábrica de Pólvora sem Fumaça, e sua família se retiraram para São Paulo num trem especial, com partes do maquinário da Fábrica e outras famílias de operários. Foram sumariamente demitidos por Getúlio Vargas e readmitidos em dezembro de 1932.

GENTE DA CIDADE

Mirthes Mazza

Laureada como poeta e declamadora, Mirthes Mazza Masiero coleciona títulos e medalhas obtidos em recitais e concursos de poesia e declamação. É conhecida por todo o Vale do Paraíba pelo talento, arte e brilho com que expressa a palavra. A poesia por ela recitada ganha vida, tem sonoridade e brilho especiais. Interpreta como poucos.

Pedagoga, professora, militante ativa na área da cultura e da educação, foi diretora de escola, professora da UNIVAP, assistente técnica da Divisão Regional de Ensino do Vale do Paraíba. Neste cargo, foi responsável pelo ensino de primeiro grau rural e profissionalizante de todo o Vale e Litoral Norte. Tem poemas publicados em vários jornais, revistas e antologias. É autora de “Poemínimos” e co-autora de “Mulheres de São José”, “Bons Autores”, “Saciedade dos Poetas Vivos”...

Filha do professor Pedro Mazza e de Idalina Marcondes Romeiro Mazza, Mirthes nasceu em Lorena num 29 de julho do século passado. Iniciou seus estudos primários na escola Gabriel Prestes. O pai, que trabalhava na FPV, e viajava diariamente no trenzinho dos operários, achou por bem mudar-se com a família para Piquete, em 1948. Vieram morar na “rua dos professores” e foram vizinhos de José Geraldo Evangelista, Leopoldo Marcondes, Ricarda Godoy, Miguel Médice, João Evangelista do Prado, Odaísa Frota, Pini e Maravalha. Cursou o quarto ano do Grupo no Antônio João. Cita as colegas Mabel Viana, Alzira Rosa, Dinho Maduro, Shirley e Suely Villar, Diná Encarnação. Após a conclusão do Grupo, matriculou-se no Ginásio da FPV. “A formação que recebi no Departamento Educacional da FPV foi o que de melhor poderia ter recebido”, afirma. “Lutgardes de Oliveira, diretor e professor de matemática, Marília Ester, Ozires Araújo, Zito... O corpo docente era excepcional”, complementa. Em seguida, ingressou na Escola Normal Livre Duque de Caxias, formando-se professora em 1957. “Fui a primeira da turma...”, diz, orgulhosa. Como prêmio, recebeu a “Cadeira



Prêmio”, isto é, foi contratada para lecionar no Curso de Aplicação Duque de Caxias.

A paixão pelos versos veio desde pequena. Com facilidade para decorar, dona Sinhá, sua mãe, a colocava em cima de uma cadeira para declamar poesias. Assim foi se apaixonando ainda mais... Em 1956, representando Piquete, ganhou a medalha “Arnolfo de Azevedo”, num concurso de declamação em Lorena. Fazia parte do júri Péricles Eugênio da Silva Ramos, Menotti Del Pichia e Cassiano Ricardo. Mirthes declamou “A Iara”. Foi ovacionada. “Cassiano Ricardo se levantou para me abraçar”, conta. Mais tarde, Cassiano escreveu “Bando de Canários” especialmente para que declamasse. “É uma preciosidade que guardo com muito amor. Não consta de sua antologia”. Mirthes conta que, em Piquete, nos anos 50 e 60, Michel Gosn, entusiasta da poesia, promovia encontros e concursos para estimular os jovens. Foi aí que conheceu Thaís Florinda, Ritinha Cezimbra, Mariná Sarmento, poetisas e declamadoras renomadas.

A paixão pelas letras fez nascer, também, a atração pela representação. Em 1957, a professora Nely Quadrado e o Major Lessa Bastos resolveram criar o Grupo Arte, de teatro. Encenaram “Yayá Boneca”, peça em que Mirthes fez o papel principal. A peça foi premiada e o grupo viajou por várias cidades. Encenaram, entre outras peças: “Pluft, o Fantasminha”, “Comédia do Coração”, “As solteironas do Chapéu Verde”.

Foi no teatro que conheceu Palmyro “Yeyé” Masiero, “um conquistador nato...”. Casaram-se em 26 de dezembro de 1959. Tiveram quatro filhos e três netas. Em 1968, a família mudou-se para São José dos Campos. Mirthes e Yeyé sempre estiveram ligados à arte e à cultura. Em São José, participaram ativamente da vida daquela cidade, como educadores e agentes culturais. Cidadã joseense, Mirthes faz parte da União Brasileira de Trovadores, da Academia Joseense de Letras e é membro fundador da Academia de Letras de Lorena.

Dia Nacional do Trovador

Poucos sabem que 18 de julho é o dia consagrado aos trovadores.

Trovador é uma palavra derivada do provençal “trobador” (poeta), proveniente do verbo “trobar” (compor por versos).

Segundo Jorge Amado, não pode haver criação literária mais popular e que mais fale diretamente ao coração do povo do que a trova. É através dela que o povo toma contato com a poesia. Por isso mesmo, a trova e o trovador são imortais.

Todo trovador é poeta, mas nem todo poeta é trovador, pois nem todos sabem metrificar, visto que a trova é um poema de quatro versos setissílabos, com rima e sentido completo. Quando surgiu, estava intimamente ligada à poesia da Idade Média, época em que trova era sinônimo de poema e letra de música.

A cultura trovadoresca refletia bem o panorama histórico desse período: as Cruzadas, a luta contra os mouros, o feudalismo, o poder espiritual do clero. Na Literatura, desenvolveu-se em Portugal um movimento poético chamado “trovadorismo”. Os poemas produzidos nessa época eram feitos para ser cantados por poetas e músicos, e foram os primeiros a ser publicados. Hoje, entretanto, a trova possui conceituação própria, diferenciando-se da quadra e da poesia de cordel, bem como do poema musicado da Idade Média.

No Brasil, a partir de 1950, surgiu um movimento cultural em torno da trova: o trovismo. A palavra foi criada pelo poeta e político José Guilherme de Araújo Jorge e por Gilson de Castro, poeta cujo pseudônimo era Luiz Otávio, responsáveis por estudar e divulgar a quadra popular brasileira. Em 1960, após um congresso de trovadores em Salvador, foi fundada a União Brasileira de Trovadores.

Considerado o Príncipe dos Trovadores Brasileiros pelo seu trabalho em prol da trova, o carioca Luiz Otávio, nascido em 18 de julho de 1916, teve a data de seu nascimento escolhida como o Dia Nacional do Trovador.

Nas últimas décadas vem despertando o neotrovismo, que é a renovação do movimento em torno da trova no Brasil. Em Piquete não podemos nos esquecer de nomes como Mariinha Motta, Cida Reis, Myrthes Mazza, Élbis Priscila de Souza, Domingos Sávio Vidal, Geraldo Gonçalves, que se dedicaram e se dedicam à arte de trovar.

“Amizade é sol que aquece
Aonde quer que se vá;
Nem sempre o sol aparece,
Mas se sabe que está lá...”

Mirthes Mazza

(Trova vencedora em “Juegos Florales del Caribe”, em Santo Domingo, na República Dominicana, em 2009)



Pé-de-Moleque ou Pede, moleque!

As pessoas ocupam, dinamicamente, seu espaço, lugar de habitação. Ou seja, movimentando-se entre as instalações, criando paisagem, modificando o meio ambiente, convivendo, criando e recriando pelo trabalho e atividades. Alterações que, se não forem bem controladas, poderão trazer males e resultados negativos. Hajam vista os índices de poluição cada vez mais dramáticos.

As modificações são frutos das rupturas e ensejam a continuidade, pois, mesmo o que se torna habitual e, portanto, tradicional, altera-se por comodidade, necessidade, interesse ou imitação. Assim são hábitos de convivência, de celebração, comemorações e festas, e, a partir dos sistemas básicos, os de vestir e os de alimentar. A moda movimenta um enorme centro de interesses para produção e consumo, além do uso da criatividade e de mão-de-obra. Não o fazem menos os produtos alimentares de consumo e as receitas nas quais têm suas raízes. Grupos distinguem-se em seus lugares de vivência, expressados por línguas (idiomas), símbolos, trajes típicos, arquiteturas, contatos sociais – festas, por exemplo –, cozinhas nos pratos preferenciais.

Por exemplo, há os pratos de natal e os de festas juninas. Entre estes, no sudoeste do Brasil estão presentes o bolo de fubá

(bolão), a canjica, o doce de abóbora e o de batata, o milho verde, a pamonha, a pipoca, o quentão, e ainda as toalhas e flores de papel crepom e as bandeirinhas coloridas, além dos mastros dos santos homenageados: Santo Antônio, São João e São Pedro. Mas os antigos arraiais das festas juninas estão desaparecendo, e, com eles, os mastros. Remanescem as bandeirinhas coloridas que, nas áreas cada vez mais urbanizadas, se misturam aos postes e fios elétricos.

Os doces, já substituídos pelos “churros”, e o quentão, pela forte mistura de álcool de outras bebidas de designações jocosas ou globalizadas. Onde perceber os pés-de-moleque, por exemplo? De onde surgiu esse nome? A receita original, hoje transformada nos “quebra-queixos” industrializados, exige ingredientes básicos como o melado e a rapadura, com um pouco de água, para serem mexidos até aparecer o fundo do tacho. Atividade doméstica, ou seja, caseira antiga, de paciência e dedicação, com fogo mantido firme. É quando entra o amendoim torrado. Sem parar de mexer até o ponto de cristalização. O ponto tem de ser respeitado até que a massa possa ser espalhada sobre uma pedra lisa untada com manteiga. Quando esfria, dá-se o corte em pequenos quadrados. Em outros lugares do Brasil usa-se substituir amendoim por

nozes ou soja, e em Pernambuco, informamos o colunista Dias Lopes do “Estado de São Paulo” (junho de 2011), usa-se o nome de pé-de-moleque para um bolo de mandioca com leite de coco, açúcar, cravo, erva-doce, castanha de caju, ovos e manteiga.

Mas, enfim, o nome do doce seria proveniente das pedras irregulares dos calçamentos antigos – coloniais, como os encontrados em Paraty e Ouro Preto. Ao solidificar-se, a textura e a aparência lembrariam a superfície das ruas dos lugares citados.

Outra versão refere-se ao assédio aos tabuleiros que eram levados pelos vendedores, os quais, para afastar os indesejáveis “espertos” gritavam “Pede, moleque”!

Para outros, trata-se de uma invenção árabe apreciada pelos califas e, como tal, os doces ganharam a Península Ibérica durante a Idade Média. Os portugueses chamam-no nougado, palavra derivada do francês, nougat, preparado com mel e amêndoas. Outros, ainda, admitem ter sido originado da cozinha dos escravos. Estes, entretanto, envolveram-se em sua produção no Brasil, substituindo o mel pelo melado de cana, bastante disponível no fabrico do açúcar. Nas rupturas e continuidades, o pé-de-moleque se assemelha ao nougat francês, ao torrone italiano e ao turrón espanhol.

Dóli de Castro Ferreira

A internet e a saudade...

Já há algum tempo as chamadas “redes sociais” dominaram a rotina dos adolescentes. Para os mais jovens, que não conhecem outra realidade a não ser a dos “bits e bytes”, “já nasceram teclando”, sob o domínio das fibras óticas e da internet, é inconcebível não ter amigos e grupos virtuais. Os poucos que não se renderam à nuvem de comunicação são os “desconectados”, versão virtual dos ultrapassados “antissociais”, aqueles que não participavam das brincadeiras...

Bem... Não há dúvidas de que há prós e contras a utilização da internet para angariar amigos e participar de grupos. Não é este, porém, o motivo deste texto. Achei importante, porém, apresentar esta minha visão de quem conheceu o mundo antes e depois da internet. Deixo a análise mais profunda para os especialistas...

A internet veio para ficar. Atualmente, é ferramenta essencial para nossas vidas, seja ela a profissional ou a pessoal. Quanto à profissional, os motivos são óbvios. Com relação à pessoal, essa afirmação pode parecer que veio de um jovem que passa horas diante do teclado... Mas não é... Não me é possível ficar o dia inteiro “twittando, facebookando, orkutando...” Acredito, porém, que a internet é uma ferramenta muito interessante para nos comunicarmos com amigos e familiares, retomar contatos há

tempos perdidos, trabalhar... Essa é minha experiência na “net”. Utilizo-a como fontes de pesquisas, de contato e de recordação... Parece um contraponto, mas a modernidade está trazendo à tona a saudade dos “bons tempos” em que ela não existia, em que a seda era a base das cartas, a chamada “interurbana” demorada era o meio de comunicação mais eficiente...

Acessem o Facebook, a maior rede social do mundo. Procurem comunidades cujo tema seja Piquete, por exemplo. São várias. Mas uma delas está excepcionalmente ativa em função de jovens nem tão jovens assim... São piquetenses ausentes que vêm postando fotos antigas para rememorar tempos que “não voltam mais”. E a procura é grande... As imagens suscitam lembranças as mais variadas: alguns tentam identificar os personagens (sempre há alguém que conhece todos...); outros apontam as mudanças da paisagem... Mas todos têm um ponto em comum: o carinho pela cidade e as histórias da cidade e da família, que pode nem estar mais em Piquete. Vale lembrar que também são postadas fotos atuais, principalmente de paisagens e eventos. Para os que estão longe mas continuam ligados à cidade são oportunidades de momentos prazerosos.

Em texto no mês passado, escrevi sobre a importância que aprendi a dar à memória.

Acredito que esse sentimento está ganhando forças com a internet. A tecnologia veio para ficar; é essencial, como já disse. O interessante é que está sendo útil, vejamos só, para provocar saudades... Não confundam, no entanto, saudade com o saudosismo, que nos causa sofrimento. Estou me referindo às lembranças de bons momentos, dos quais não queremos e não podemos nos esquecer... Esses nos fazem querer compartilhar a alegria... E é o que fazemos ao postar fotos e textos que nos agradam. A internet, portanto, se bem utilizada, traz saudade...

Vamos lá... Compartilhemos muitas fotos... Compartilhemos a história... Compartilhemos as saudades...

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

Utopias

Os livros registram que Thomas Moore (Morus em latim) ensinou a língua latina – língua da ciência à época – à sua esposa, para que a permanência de Erasmo de Rotherdam em sua casa se desse da maneira mais agradável possível.

Eram duas mentalidades que se complementavam. Enquanto, pela boca da loucura, Erasmo descrevia os vícios da época, Moore projetava a cidade ideal.

Aplicando os dados colhidos nas duas obras essenciais ao entendimento dos caminhos da humanidade – Utopia e O Elogio da Loucura – podemos concluir que tudo pode ser resumido em um só vocábulo: interesses.

Dois exemplos atualíssimos: 1. O livre trânsito na Comunidade Europeia. Quando os governantes se recusam a receber estrangeiros em seu país não se trata de xenofobia. Trata-se de falta de empregos. Uma população pobre e desempregada só pode trazer problemas.

2. O Mercosul. Se o Brasil importa trigo e arroz da Argentina, os nossos produtores ficam prejudicados. Pero Vaz de Caminha cometeu um erro de geografia. Não é no

Brasil que “em se plantando tudo dá”; é na Argentina. Em matéria de solos, Deus não é brasileiro; é argentino. Os custos de produção na Argentina são muito mais baixos.

A Organização das Nações Unidas foi a grande esperança da humanidade no pós-guerra.

Esperança vã. Quem acompanha o noticiário conclui que no mundo só há dois países antidemocráticos: Cuba e Irã. A Líbia, após marchas e contramarchas, tinha sido reabilitada.

Há pouco, o Sudão, um dos países mais pobres do mundo, foi dividido em dois – agora são dois países miseráveis que ainda vão ter de dividir o petróleo. Vai ser muito fácil. Mais alguns milhares de mortos devem ser contabilizados.

No meu entendimento, o papel da ONU é proteger as populações civis. Impedir que fiquem vagando famintas, com privação de seus bens e sendo consideradas ameaça pelos países vizinhos.

Em vez disso, nas guerras civis, a ONU toma partido e envia tropas, ainda permite que países que têm interesses na região se

façam presentes com armas – como está acontecendo no mundo árabe.

Se Erasmo vivesse hoje, o que diria pela boca da Loucura?

E Moore, como projetaria a sociedade ideal?

A grande utopia da humanidade é a paz. E o mundo sempre foi um balaio de gatos de interesses.

A ONU tem-se mostrado incompetente para administrar o balaio.

O Brasil é um país com grandes problemas.

Vamos projetar nossas utopias com modéstia – que o país seja realmente democrático; que do Caburaí ao Chuí, da Contamana ao Seixas cada cidadão brasileiro tenha voz e vez.

Sem querer ficar bonito na foto, o Brasil deve ser solidário com os vizinhos, dando aquilo que pode dar.

Vamos ser comedidos nas utopias. E que a Loucura não cochile esquadrinhando e denunciando, na medida do possível, o intrincado balaio de interesses.

Abigayl Lea da Silva

Por uma cidade sustentável...

Nos últimos tempos, usamos com frequência o termo cidadania em qualquer discurso ou diálogo trivial, pois este vocábulo consiste, devido ao seu significado abrangente, em designação que tende a ser oportuna e adequada em inúmeras situações.

Todos experimentamos o exercício da cidadania ou o seu desrespeito na vida e, assim, acabamos perfeitamente aptos para apontar a existência ou a falta da mesma,

sem dificuldades. Um espaço em que a cidadania deve por todos ser exercida é no cotidiano das cidades. Buscar o desenvolvimento sustentável, não agredindo o meio ambiente, de maneira a não prejudicar o desenvolvimento futuro, é o objetivo a ser alcançado.

O desenvolvimento sustentável não deve ser visto como uma revolução, ou seja, uma medida brusca que exige rápida adaptação, mas, sim, uma medida evolutiva,

que progride de forma mais lenta, a fim de integrar o progresso ao meio ambiente, para que se consiga, em parceria, desenvolver sem degradar. Existem três colunas imprescindíveis para sua aplicação: os desenvolvimentos econômico e social e a proteção ambiental. Essas colunas devem ser dependentes uma da outra, para que caminhem lado a lado. Dessa maneira, a participação cidadã vem contribuir para uma sociedade justa e fraterna.



Fotos arquivo Pro-Memória

Crônicas Pitorescas

Questões metodológicas...

Palmyro Masiero

A professora pegou um rabo de foguete pior que o arranque de um daqueles que transportam nave espacial. Dentre seus alunos de primeira série pintou um índio. Esse índio aí, entretanto, é hindu, indiano, natural da Índia mesmo. Com sete anos de idade e três meses de Brasil, fala e entende português como eu de política econômica brasileira.

Entre a mestra e o garoto estabeleceu-se como meio de comunicação o sistema de mímica para explicar determinadas coisas, da mostra de objetos ou desenhos para outras, depois falar clara e vagarosamente o nome de pretexto e a repetição dele pelo hinduzinho; passo seguinte: aliar o nome dito oralmente à escrita em letra de forma e corrida. Olhem... Uma mão (deveria ter mostrado algum mamão para justificar o cacófono atrás...) de obra fora do comum. E sem jetons compensatórios.

A metodologia aplicada pela professora para a alfabetização é o sintético-analítico, que, em linhas gerais, é mais ou menos isso: dá-se uma palavra chave e daí se parte para a decomposição em sílabas. Estuda-se, a seguir, a “família” de cada uma e assim por diante...

Certa aula, a palavra chave foi “cavalo”. Ponto pacífico para toda a petizada, exceção ao indiano. Tarimbada, a mestra já havia providenciado um enorme cartaz com a figura do animal em foco e a mostrou a ele, que assentiu ter entendido. Todos passaram a ler a palavra escrita no quadro, nas duas formas, bem lentamente, frisando cada sílaba: ca-va-lo. A pergunta do número de sílabas que formavam a palavra, qual a primeira, a segunda, a terceira...

O próximo passo era o estudo da primeira sílaba: ca. Foi escrito no quadro a “família” dela: “ca-que-qui-co-cu-cão”. Leitura

coletiva de cada uma. Foi quando um monstrinho em embrião achou que deveria tirar uma dúvida:

– Tia!... Não é coisa feia?

O que ele considerava coisa feia era a quinta sílaba da “família”.

Com a velha experiência adquirida ao longo dos períodos escolares, a mestra naturalmente disse que não. Explicou que essa palavrinha é uma forma grosseira, vulgar, um apelido que deram a uma parte do corpo humano. Disse ainda que nosso corpo é um conjunto complexo, uma máquina perfeita e que nenhuma parte dele pode ser considerada “coisa feia”. Finalizou dizendo que o nome correto dessa parte é ânus.

– Mas “ânus” não é quando a gente faz aniversário? – voltou o interessadinho...

– Aniversário é quando se completa mais um ano de vida. A-NO... Você tem sete anos – falou, destacando bem o “o”. Indo ao quadro, ela escreveu em letra de forma: ÂNUS – a parte do corpo de que estamos falando escreve-se e pronuncia-se assim: ânus”

A pixotada ficou por dentro e os risinhos cessaram. Lembrou-se a professora da ignorância do hinduzinho sobre nossa língua e pensou em deixar a coisa passar em branco, mas quando chegou-se à sua carteira viu que ele havia escrito duas linhas do caderno só com a palavra ânus. Enquanto matutava se deveria ou não apagar o que o guri escrevera, ele deu entender, através da mímica, que queria saber o que era aquilo...

Como sempre se utilizou do sistema de ligar a palavra falada ou escrita a um desenho ou objeto que o representasse, a solução do impasse eu deixo por conta de cada um.

Afinal, convenhamos, não sou nenhum garçom de PF, ora bolas...

O nó da gravata

Edival da Silva Castro

Sábado, dia de baile.

A banda faz sucesso.

Os ternos encontram-se à risca, dependurados e encapados no guarda-roupa.

As camisas estão dispostas, uma ao lado das outras, no gavetão da cômoda.

Os sapatos ficam nas respectivas caixas, envoltos em papel de palha.

As meias aguardam os pés quarenta e dois para se mandar.

Os lenços estão ansiosos para se exibir no bolso menor do paletó.

A gravata, estirada impecavelmente, espera o colarinho em que vai se enfiar.

As abotoaduras e os prendedores de gravata ficam trancafiados no porta-joias.

O dia decorre na expectativa do baile.

Banho tomado, barba feita, bigode aparado, cabelos cortados e penteados.

Numa noite de clima ameno, o terno tergal cinza pega bem e é acompanhado:

“Camisa de seda azul piscina, gravata azul pavão listrada de branco, abotoaduras e prendedor de gravata de fundos azuis, meias cinzentas, sapatos mocassim marrom, cinto marrom. No bolso menor do paletó, lenço gris.

Perfume suave, cativante, aliciente.

O nó da gravata – cabecinha de cobra – fator preponderante da estética, fica por conta do amigo especialista que vou encontrar antes do baile.

Vestido com elegância, tudo se ajeita: o cuba-libre desce redondo, a dança torna-se envolvente e o flerte facilitado...

Mirthes Mazza duas vezes trovadora...

“Minha paixão malograda,
Sufocada entre segredos,
É como nau destrojada
Batendo contra os rochedos.”

“Nesta vida – a mocidade –
Tal qual roseiras viçosas,
Dá botões na flor da idade
Antes de encher-se de rosas...”



Acesse na internet, leia e divulgue o informativo

“O ESTAFETA”

www.issuu.com/oestafeta
ou

www.fundacaochristianorosa.cjb.net

Fotos Arquivo Pro-Memória



Funcionários da FPV na pauta em Brasília

No dia 14 de julho, o assessor especial do Ministro da Defesa, José Genoíno, recebeu, em Brasília, o General de Divisão Ade-rico Mattioli, o deputado federal Carlinhos de Almeida, o diretor do Sindicato dos Químicos de Piquete, Jeferson Pinto Ferreira, Ana Maria de Gouvêa (Teca Gouvêa), o Presidente da Câmara Municipal de Piquete, Mário Luiz Rodrigues, Paulo Fernando Junqueira, o Prefeito Municipal de Piquete, Otacílio Rodrigues, o Vereador Hugo Soares e Joaquim Alves Jr, para uma reunião em que foi tratada a seguinte pauta: demissões dos funcionários da FPV/IMBEL, assistência de moradia aos funcionários demitidos, o plano de cargos e salários dos funcionários da IMBEL, além de outros assuntos de interesse comum.

Com relação aos funcionários demitidos, após análise de várias alternativas, a mais viável foi buscar uma solução judicial, por meio do Ministério do Trabalho, para reivindicar junto à IMBEL a viabilização de um TAC (Termo de Ajuste de Conduta), para que esses empregados não sejam prejudicados, uma vez que o problema social não pode ser relegado. O Deputado Carlinhos Almeida irá contatar as autoridades para tentar viabilizar a alternativa o mais rapidamente possível. Genoíno assumiu o compromisso de que o Ministério da Defesa não irá protestar, caso a justiça estabeleça quaisquer atitudes a favor dos empregados.

Teca Gouvêa sugeriu que o assunto dos demitidos seja tratado como de ordem social e solicitou que os demitidos, até que se resolva definitivamente a situação, possam usufruir das moradias da FPV que hoje ocupam, pois, caso contrário, a situação social se agravará. O General Mattioli disse que iria tratar do assunto de imediato e informaria ao Diretor do Sindicato.

Quanto ao Plano de Carreira, o General Mattioli ficou de dar um posicionamento, uma vez que, pelos relatos, detectou fatos novos no encaminhamento da questão. Declarou que, na sua concepção, este assunto já havia sido resolvido.

Foram discutidos outros assuntos de ordem geral da sustentabilidade da IMBEL e o Ministério informou que está estudando ações que irão dar fôlego e sustentabilidade para a IMBEL, além da possibilidade do uso da PPP (Parceria Pública Privada) no caso da participação do Exército e da demanda por produtos e mecanismos orçamentários.

Educação dos filhos

Recentemente, um grupo de crianças pequenas passou por um teste muito interessante. Psicólogos propuseram uma tarefa de média dificuldade, mas que as crianças executariam sem grandes problemas. Todas conseguiram terminar a tarefa depois de certo tempo. Em seguida, foram divididas em dois grupos. O grupo A foi elogiado quanto à inteligência. “Uau, como você é inteligente!”, “Que esperta que você é!”, “Menino, que orgulho de ver o quanto você é genial!”... e outros elogios à capacidade de cada criança. O grupo B foi elogiado quanto ao esforço. “Menina, gostei de ver o quanto você se dedicou na tarefa!”, “Menino, que legal ter visto seu esforço!”, “Uau, que persistência você mostrou. Tentou, tentou, até conseguir, muito bem!”... e outros elogios relacionados ao trabalho realizado e não à criança em si.

Depois dessa fase, uma nova tarefa de dificuldade equivalente à primeira foi proposta aos dois grupos de crianças. Elas não eram obrigadas a cumprir a tarefa, podiam escolher se queriam ou não, sem qualquer tipo de consequência. As respostas das crianças surpreenderam. A grande maioria das crianças do grupo A simplesmente recusou a segunda tarefa. As crianças não queriam nem tentar. Por outro lado, quase todas as crianças do grupo B aceitaram tentar. Não recusaram a nova tarefa. A explicação é simples e nos ajuda a compreender como elogiar nossos filhos e nossos alunos.

O ser humano foge de experiências que possam ser desagradáveis. As crianças “inteligentes” não querem o sentimento de frustração de não conseguirem realizar uma tarefa, pois isso pode modificar a imagem que os adultos têm delas. “Se eu não conseguir, eles não vão mais dizer que sou inteligente”. As “esforçadas” não ficam com medo de tentar, pois, mesmo que não consigam, é o esforço que será elogiado. Nós sabemos de muitos casos de jovens considerados inteligentes não passarem no vestibular, enquanto aqueles jovens “médios” obterem a vitória. Os inteligentes confiaram demais em sua capacidade e deixaram de se preparar adequadamente. Os outros sabiam que, se não tivessem um excelente preparo, não seriam aprovados, e, justamente por isso, estudaram mais, resolveram mais exercícios, leram e se aprofundaram melhor em cada uma das

disciplinas.

No entanto, isso não é tudo. Além dos conteúdos escolares, nossos filhos precisam aprender valores, princípios e ética. Precisam respeitar as diferenças, lutar contra o preconceito, adquirir hábitos saudáveis e construir amizades sólidas. Não se consegue nada disso por meio de elogios frágeis, focados no ego de cada um. É preciso que sejam incentivados constantemente a agir assim. Isso se faz com elogios, “feedbacks” e incentivos ao comportamento esperado. Nossos filhos precisam ouvir frases como: “Que bom que você o ajudou, você tem um bom coração”, “parabéns, meu filho, por ter dito a verdade, apesar de estar com medo... você é ético”, “filha, fiquei orgulhoso de você ter dado atenção àquela menina nova ao invés de tê-la excluído como algumas colegas fizeram... você é solidária”, “isso mesmo, filho, deixar seu primo brincar com seu videogame foi muito legal, você é um bom amigo”. Elogios desse tipo estão fundamentados em ações reais e reforçam o comportamento da criança, que tenderá a repeti-los. Isso não é “tática” paterna, é incentivo real.

Por outro lado, elogiar superficialidades é uma tendência atual. “Que linda você é, amor”, “acho você muito esperto, meu filho”, “Como você é charmoso”, “que cabelo lindo”, “seus olhos são tão bonitos”. Elogios como esses não estão baseados em fatos, nem em comportamentos, nem em atitudes. São apenas impressões e interpretações dos adultos. Em breve, crianças como essas estarão fazendo chantagens emocionais, birras, manhas e “charminhos”. Quando adultos, não terão desenvolvido resistência à frustração e a fragilidade emocional estará presente.

Homens e mulheres de personalidade forte e saudável são como carvalhos que crescem nas encostas de montanhas. Os ventos não os derrubam, pois cresceram na presença deles. São frondosos, copas grandes, e o verde de suas folhas mostra vigor, pois se alimentaram da terra fértil. Que nossos filhos recebam o vento e a terra adubada por nossa postura firme e carinhosa.

Texto de Marcos Meier, Mestre em Educação, psicólogo e escritor, reproduzido por sugestão de Laura Chaves.



O tropeirismo e a Festa do Peão

Até meados do século 19, os tropeiros foram os grandes responsáveis pelo abastecimento no Brasil. Como não havia trens e veículos, o comércio de mercadorias era feito pelos tropeiros. Por longos e duros caminhos eles levavam café, sal, milho, arroz, aguardente, azeite, vinagre, vinho e outros itens para os mais distantes lugares... Tudo em lombo de burros ou mulas. Além de transportar alimentos e utensílios, os tropeiros ajudaram a construir o Brasil: muitas cidades surgiram nas proximidades de antigos pousos e ranchos.

Cada tropa era composta de vinte a cinquenta animais, sob a direção do arreio, como se diz em Minas, ou do arreador, como é chamado em São Paulo. O arreador negociava as mercadorias, arreadava e carregava as mulas. Seguiu montado, enquanto os tocadores – escravos ou empregados do

arreador – seguiam a pé. Cada tocador conduzia cerca de sete mulas. Era preciso muito cuidado quando da organização das tropas, para não sobrecarregar os animais. A carga era distribuída em cangalhas, peças de madeira ou couro colocadas sobre os animais para apoiar as cestas com mercadorias.

Apesar de sua importância econômica, a maioria das pessoas desconhece o tropeirismo ou pouco sabe sobre sua história. Eles estão intimamente ligados a Piquete que, devido à localização geográfica, foi caminho de tropas que cruzavam a Mantiqueira: descendo a serra pela Tabuleta e Vila Barão, passavam pela Praça da Bandeira, ruas São Miguel e Major Carlos Ribeiro e seguiam em direção a Cruzeiro e Cachoeira Paulista. Nesse percurso havia quatro grandes ranchos, destacando-se os

de Mariana Relvas e de Maria da Silva. Aos poucos, com a expansão das estradas de rodagem, o movimento de tropas foi diminuindo. No entanto, ainda hoje, vez ou outra, algumas, com seus jacás, cruzam nossas estradas. Em 1979, com o intuito de resgatar, difundir e valorizar esse que foi o mais importante de nossos ciclos econômicos, que alavancou o comércio e ajudou a criar cidades, foi criada a 1ª Festa do Tropeiro de Piquete. Foi um sucesso que se repetiu por vários anos até o surgimento da Festa do Peão, que, aos poucos, foi se sobressaindo e relegando a segundo plano o tropeirismo. A Festa do peão é importante para o município, mas não podemos relegar ao esquecimento esse personagem da história de Piquete e do Brasil – o tropeiro. Parabéns aos que lutam pela preservação desse legado.

Quem não é de Igreja não gosta de sermões

No dia 5 de maio deste ano, o Supremo Tribunal Federal aprovou, por unanimidade, o direito de reconhecimento civil das uniões estáveis entre pessoas do mesmo gênero. Essa decisão, bem como outras conquistas dos homossexuais no Brasil e em diversos países, tem provocado reações extremadas em muitos setores da sociedade, sobretudo entre os religiosos mais radicais.

A Igreja tem uma doutrina moral para a família cristã, que é muito clara e conhecida por todos nós: a família é formada pela união matrimonial monogâmica indissolúvel entre um homem e uma mulher, que devem se respeitar, ter comunhão e gerar prole. O fato de a união estável entre homossexuais ser reconhecida como legítima pelo Estado não muda a doutrina ideal da Igreja, os católicos continuam com a mesma orientação moral a este respeito; por isso não há motivo para tanto pânico, como se tem visto por parte de alguns.

Durante muito tempo vivemos num Estado católico, onde o pensamento da Igreja tinha força de lei. Paulatinamente ocorreram modificações profundas; nós, da Igreja, no entanto, continuamos querendo impor nossos costumes e

tradições a toda a sociedade. É tempo de compreendermos que vivemos em um estado laico e democrático, em que acontece o diálogo e convivem as diferenças. Não temos, atualmente, a supremacia, não podemos impor nossas posições, precisamos aprender a viver numa sociedade plural, na qual não são os cristãos católicos os únicos a pensar, a apontar caminhos e direções. Precisamos falar, mas também ouvir. Isto é bom.

A Igreja deve pregar para os cristãos e dialogar com o mundo. Quem não é de igreja não gosta de sermões, não dá ouvido a eles. Se os cristãos que frequentam as igrejas praticarem os ensinamentos que lá recebem, já estará de bom tamanho, a massa será fermentada.

O Estado, por sua vez, precisa legislar sobre a vida de todos os seus cidadãos, sem distinção. O Censo 2010, realizado pelo IBGE, apontou que existem, no Brasil, mais de 60mil casais homossexuais vivendo em relação estável, 32 mil moram no sudeste. Este número constatado seria muito maior não fosse a influência que o preconceito exerce sobre as respostas dadas aos entrevistadores. Toda essa gente passou a ser beneficiada pela decisão do Supremo

Tribunal, poderão constar como dependentes de seus parceiros nas declarações à Receita Federal, receber benefícios da Previdência Social, herdar bens, dentre outros direitos que passaram a gozar. A decisão do Supremo deu cidadania mais plena aos homossexuais que vivem em relação estável. O Estado cumpriu, neste caso, seu papel de fazer a sociedade ser mais igualitária.

Compreendo que alguns cristãos se sintam afrontados por essas transformações que têm acontecido em nossa sociedade. Faz-se necessário, porém, um coração mais generoso, desarmado, bondoso e confiante na graça de Deus, que, muitas vezes, como diz nosso povo, pode escrever certo por linhas que julgamos tortas.

Não é preciso impor a moral cristã a todas as pessoas. É necessário que os cristãos a vivam, não só no que se refere à família, mas também à prática da misericórdia, à vivência da caridade, à justiça, à honestidade, coisas tão esquecidas em nosso tempo. Assim, os cristãos não terão que discursar muito e levantar a voz. A vida e o testemunho falarão por eles.

Pe. Fabrício Beckmann